



Sociedade de instrução do Porto

[1880-1889]

D u a r t e N u n o B a r r o s C a r d o s o *

Em Portugal, o conceito de instrução pública e os princípios conducentes à sua institucionalização são em grande parte subsidiários das reformas pombalinas. Foi sobretudo com o advento do Liberalismo que o conceito de instrução pública se expandiu e lançou raízes na sociedade portuguesa, tendo em consideração o alastramento das concepções populares e burguesas do ensino. Com efeito, a instrução intelectual do cidadão, tida como um dever do Estado Liberal, constituiu uma preocupação constante dos liberais, tornando-se ponto obrigatório da política deste período ¹.

A ideia da necessidade de uma reforma global do País difundiu-se sobretudo na segunda metade do século XIX. Com efeito, a chamada "geração de 70" propunha a intervenção cívica nos campos cultural, artístico, literário, filosófico, estético e político. Dessa forma, a educação do povo era vista como o principal instrumento de desenvolvimento colectivo, já que formar cidadãos significava dotar a nação de elementos válidos e activos na vida económica, social e política do País. Para estes doutrinadores, o desenvolvimento económico, consubstanciado na modernização agrícola e na industrialização, e a continuidade da própria sociedade liberal, estavam dependentes da instrução, da alfabetização da população, sobretudo nas áreas urbanas. Nesse sentido, o Estado Oitocentista discutiu sobre as vias de alargamento do ensino primário público e sobre os meios mais vantajo-

* Licenciado em Ciências Históricas – Professor do Ensino Secundário.

¹ TORGAL, Luís Reis – *A Instrução Pública* In MATTOSO, José (dir.) – "História de Portugal", vol. V. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 609.

sos de ensinar a "ler e contar". Apesar disso, coube um papel de suma importância a inúmeras instituições associativas surgidas um pouco por todo o país, cuja importância neste processo se manifestou já desde finais do século XVIII.

Nas duas últimas décadas do século XIX, a capital nortenha revelou um intenso movimento intelectual, pontilhado pelo aparecimento de múltiplas iniciativas artísticas e literárias vocacionadas para a difusão de conhecimentos científicos e técnicos. O aparecimento da Sociedade de Instrução do Porto, em 1880, reflecte, a um só tempo, não apenas a importância e a pertinência que a temática educação/instrução possuía naquela época, como também prova, pelas inúmeras actividades que desenvolveu, a força e o dinamismo cultural do Porto do fim do século. Para além do seu inegável apogeu intelectual, a cidade invicta passava por uma conjuntura caracterizada por um forte crescimento urbanístico, demográfico, económico, financeiro, social e, até mesmo, político.

O movimento de urbanização da cidade é notório, sobretudo a partir dos anos setenta, altura em que desaparecem as estreitas vielas e os escuros becos do Porto antigo para dar lugar a novas ruas e praças, mais amplas e "higiénicas", constroem-se pontes, erguem-se novos edifícios e muitos dos riachos que dividem o velho burgo são, então, encanados. Levanta-se uma cidade nova, com um arranjo arquitectónico mais moderno.

O crescimento demográfico é também patente, acelerando a partir, sobretudo, de 1864 em diante, sendo particularmente rápido entre 1878-1890, ao que não foi por certo alheio o movimento migratório rural para a cidade, facilitado pela melhoria dos transportes e das redes viárias. Daqui nascerão os subúrbios da urbe, fenómeno que Paul Guichard chamou de "aglomeração contemporânea"².

O Porto acolhia diversas comunidades estrangeiras, facto que lhe valia uma fisionomia social muito própria. A maior era, sem dúvida, a espanhola, (os célebres "galegos"); seguia-se-lhe a dos "brasileiros", dotados de um estilo de vida extremamente luxuoso e *sui generis*; refira-se ainda a alemã e, sobretudo, a inglesa, colónias socialmente muito fechadas e, em regra, ligadas ao Douro e ao negócio do vinho do Porto³.

Mas é também uma cidade donde parte muita gente, sobretudo para o Brasil. Movimento crescente desde meados do século XIX, o fluxo migratório aumenta em finais dos anos oitenta, por efeito da crise económica geral que se abate sobre o País.

² SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – *O Porto Oitocentista*. In RAMOS, Luís A. de Oliveira (dir.) – "História do Porto". 2ª edição. Porto: Porto Editora, 1997, p. 404.

³ SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – *O Porto Oitocentista...* p. 405-406.



Em termos económicos, o Porto afirma-se como o entreposto comercial de toda a região norte, alicerçado no negócio do vinho do Porto. Trata-se, ainda, de um pólo industrial avançado, embora caracterizado pela forte persistência do trabalho artesanal familiar. Por outro lado, é uma cidade que se orgulha da sua autonomia financeira relativamente à capital. Só a crise dos inícios dos anos noventa é que vem pôr em causa esta hegemonia e independência económica.

Social e politicamente, o Porto estava nas mãos de uma burguesia poderosa e intelectual, grupo social a quem cabia direccionar o rumo da urbe⁴.

Fundação e fundadores da S.I.P.

O ano de 1880, ano comemorativo do tricentenário de Camões – efusivamente comemorado em Lisboa e Porto – assinalou o surgimento de uma série de instituições artísticas, científicas e instrutivas na capital do Norte. O Centro Artístico Portuense⁵, a Sociedade Portuense de Geografia⁶, a Sociedade de Geografia Comercial do Porto⁷ são alguns exemplos de instituições fundadas naquele ano. Seguem-se outros organismos: o Grémio Instrução e Recreio⁸ (1881), o Club de Vila Nova de Gaia (1882), o Grémio Familiar e Instrutivo do Porto (1882), a União Médica (1882), a Sociedade Propagadora de Instrução Popular Vítor Manuel (1884), a Associação dos Professores Primários do Norte de Portugal (1884), a Associação Liberal Portuense (1885), a Sociedade Alexandre Herculano (1885), o Grémio Liberal (1887) e o Grémio Literário Portuense (1887) entre muitos outros análogos. Desta forma, o surgimento da Sociedade de Instrução do Porto que, por comodidade expositiva, passaremos a identificar pela sigla S.I.P., enquadra-se perfeitamente no espírito da época, contemporizando-se com as preocupações fundamentais do tempo.

⁴ SERÉN, Maria do Carmo; PEREIRA, Gaspar Martins – *O Porto Oitocentista...* p. 405-450.

⁵ Os seus estatutos datam de 3.06.1880. (Arquivo Distrital do Porto. Fundo do Governo Civil do Porto. Série Alvarás e Diplomas. Livro de registo de alvarás concedidos e outros diplomas, nº 25, fl. 91)

⁶ Os seus estatutos datam de 23.08.1880. (Arquivo Distrital do Porto. Fundo do Governo Civil do Porto. Série Alvarás e Diplomas. Livro de registo de alvarás concedidos e outros diplomas, nº 25, fl. 92)

⁷ Fundada em meados de 1880, os seus primeiros estatutos datam de 10.08.1881. (Arquivo Distrital do Porto. Fundo do Governo Civil do Porto. Série Alvarás e Diplomas. Livro de registo de alvarás concedidos e outros diplomas, nº 25, fl. 100)

⁸ Com sede na vizinha Vila Nova de Gaia.

A ideia de criar a Sociedade foi tomada durante uma reunião ocorrida no dia 29 de Fevereiro de 1880 na cidade invicta. Naquela assembleia, presidida pelo médico José Frutuoso Aires de Gouveia Osório, foi lido o programa da instituição, da autoria do botânico Isaac Newton, e foi eleita a comissão encarregada de elaborar o projecto de estatutos da mesma⁹. O dito projecto, de que foi relator Joaquim de Vasconcelos, secretário da respectiva comissão, ficou concluído em 12 de Março, depois de quatro sessões de demorada discussão, tendo sido aprovado nas reuniões de 20 e 23 daquele mês. A 19 de Maio de 1880 os Estatutos da S.I.P. foram aprovados oficialmente, por alvará emitido pelo Governador Civil do Porto, Tomás António de Oliveira Lobo¹⁰. Constituíam-se como "uma agremiação de indivíduos de ambos os sexos, quer nacionaes, quer estrangeiros" que se propunha "concorrer para o progresso da instrucção do paiz"¹¹. Eram admitidos como sócios as pessoas que aderissem ao fim da instituição e satisfizessem as prescrições estatuídas¹².

Os sócios dividiam-se em cinco classes, a saber: fundadores, efectivos, correspondentes, protectores e de mérito. Eram considerados *sócios fundadores* todos os que se estivessem inscrito até à data da assembleia geral de 5 de Fevereiro de 1882. A segunda classe, *sócios efectivos*, era constituída por todos os elementos, inscritos após a data acima referida, residentes no concelho do Porto ou limítrofes, ou os que, não estando compreendidos neste caso, solicitassem a sua inscrição naquele grupo. Quanto aos *sócios correspondentes*, tratava-se de todos os que, contribuindo para o progresso da Sociedade, não se encontrassem abrangidos pelas condições atrás mencionadas. Em termos qualitativos, todos os membros da instituição eram considerados *sócios protectores*, desde que se entendesse haverem prestado "serviços valiosos para a Sociedade", ou *sócios de mérito*, no caso de se

⁹ Essa comissão ficou composta por dez sócios fundadores, a saber: Guilherme Teodoro Rodrigues, Augusto Luso (professor), Joaquim de Vasconcelos (publicista), Joaquim de Azevedo Albuquerque (professor), Alfredo Tait (comerciante), Isaac Newton (botânico), Agostinho da Silva Vieira, (farmacêutico), Joaquim Duarte Moreira de Sousa, António Manuel Lopes Vieira de Castro e Vicente Urbino de Freitas (médico). *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, nº 1, 1 de Janeiro de 1881, p. 37.

¹⁰ Arquivo Distrital do Porto. Fundo do Governo Civil do Porto. Série Alvarás e Diplomas. Livro de registo de alvarás concedidos e outros diplomas, nº 25, fl. 91. Mais tarde, a 21 de Junho de 1883, o Governo Civil do Porto autorizava uma reformulação dos estatutos da S.I.P. (Livro de registo de alvarás concedidos e outros diplomas, nº 25, fl. 107)

¹¹ *Estatutos da Sociedade de Instrucção do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 5.

¹² Especifica-se ainda que, para se ser considerado sócio requeria-se a condição de emancipação legal, e para as mulheres casadas autorização dos respectivos maridos. (*Estatutos da Sociedade de Instrucção do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 6)



reconhecer terem contribuído para o desenvolvimento da ciência em geral, do país, ou dos fins preconizados pela Sociedade ¹³.

A direcção, definida nos estatutos aprovados em 1883, compreendia um presidente, um vice-presidente, um secretário geral, um vice-secretário geral, um conselho administrativo, uma comissão de exame de contas e um conselho científico. A eleição destes órgãos era válida por dois anos. O conselho científico, responsável pela direcção de todas as questões que dissessem respeito à instrução dos sócios, ao progresso e à projecção da Sociedade, era constituído por setenta membros, podendo dividir-se em várias secções relativas aos vários campos do conhecimento que abrangiam ¹⁴. As Ciências Cosmológicas, as Ciências Fisiológicas (Médicas e Naturais), as Ciências Noológicas, as Ciências Sociais e as Ciências Físico-Matemáticas.

A S.I.P. reunia-se anualmente em assembleia geral – reunião de todos os sócios fundadores, efectivos, protectores e de mérito – convocada para tratar de assuntos relativos ao governo e exercício da instituição. Essa reunião magna ocorria no mês de Janeiro e nela o presidente fazia o chamado discurso inaugural do ano e o secretário geral dava conta do movimento económico da Sociedade ¹⁵.

A Sociedade de Instrução do Porto contou com o desvelo apaixonado de vários sócios, facto que muito contribuiu para o seu engrandecimento, bem como para a projecção interna e externa que alcançou. Isaac Newton, Joaquim de Vasconcelos e José Frutuoso Aires de Gouveia Osório foram alguns dos sócios cujos nomes ficaram para sempre associados a este instituto pela importância das acções que desenvolveram no seu âmbito.

É de destacar a importância do contributo dado por Carolina Michaëlis figura cuja importância em prol da educação nacional é conhecida. Foi agraciada pela própria Sociedade, que a nomeou sócia emérita na sessão de 25 de Junho de 1880 ¹⁶. Saliente-se, a ausência na Sociedade de qualquer preconceito intelectual relativamente à mulher, visível quer neste reconhecimento, quer na forma como em geral ela era encarada ¹⁷. Com efeito, ao “sexo fraco” caberia uma missão de suma importância, ou seja, a educação das futuras gerações:

¹³ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 7.

¹⁴ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 13.

¹⁵ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto..., p. 14-15.

¹⁶ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, nº 1, 1 de Janeiro de 1881, p. 39.

¹⁷ Nos seus estatutos, a S.I.P. assume-se como uma agremiação de indivíduos de ambos os sexos, em termos de categorias de sócios não faz qualquer distinção entre homens e mulheres e o direito de voto é igual para ambos os casos.

"Com este trabalho da comunidade, de todos nós, é forçoso fazer convergir os esforços individuais de propaganda, e torna-se sobretudo urgente interessar n'esta benéfica missão, as senhoras, a mulher, que já Plutarcho queria instruída para colaborar dignamente na obra moral da educação. A educação das mulheres é ainda mais necessária do que a dos homens, porque esta, dizia Fénelon, é obra d'ellas" ¹⁸.

Ressalta, igualmente, a alta percentagem de sócios estrangeiros, sobretudo de origem inglesa, presentes na Sociedade de Instrução do Porto. Ligados, em larga escala, ao mundo dos negócios do vinho do Porto, estes sócios demonstram nesta sua relação com a S.I.P. uma espécie de filantropia científica e educativa e, paralelamente, um entrosamento cada vez mais profundo com o espírito e com a cultura do país que os fora acolhendo, a eles e a seus antepassados, havia muitas décadas. Esta presença pode ser encarada como uma abertura da micro-sociedade britânica instalada na cidade, desde sempre caracterizada por um profundo hermetismo cultural.

A base sócio-cultural da S.I.P. era assim maioritariamente constituída por uma burguesia intelectual marcada pelo racionalismo positivista, bastante ligada ao ensino superior, que ocupava cargos públicos relevantes, o que comprova o protagonismo que atingiu na vida cultural e política do Porto na segunda metade do século XIX. Contudo, a Sociedade de Instrução do Porto teve uma existência muito breve, apesar do dinamismo da sua acção e das inúmeras iniciativas que levou a efeito. Na verdade, fundada em 1880, o seu desfecho parece ter ocorrido logo no final da década, em 1889.

Objectivos e finalidades

Promover "a instrução geral do paiz, e em especial dos sócios, nos diferentes ramos das ciências, e particularmente concorrer para aperfeiçoar e desenvolver os metodos pedagogicos" constituíram, estatutariamente, os fins imediatos da Sociedade de Instrução do Porto. Ressalvava-se, ainda, que esta associação se interessaria por todos os assuntos relacionados com a história das ciências, das artes e das indústrias em Portugal ¹⁹.

¹⁸ Discurso de José Frutuoso Aires de Gouveia Osório. *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, nº 7, 1 de Julho de 1881, p.217.

¹⁹ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 5 (art. 3º).



Era, sem dúvida, a cultura vertida para a nação em moldes positivistas. Era o culto da experiência, do racionalismo educativo e da promoção do saber técnico. Foi na qualidade de fiel depositário dessa linha de pensamento que se pronunciou José Frutuoso Aires de Gouveia Osório, na altura presidente da S.I.P.:

*"Criar individuos que se governem bem, e que obrem acções uteis ao Estado é o fim da educação. Para conseguir este resultado é indispensavel não poupar nenhum dos meios que a experiencia reconhece efficazes. É preciso dar ao individuo recursos novos d'observação e de raciocinio, por meio dos quais possa apreciar os factos que vê, achar a sua razão e calcular o seu alcance. É este o caminho da sciencia; e somente ella pode tornar o trabalho da educação precioso e fecundo para as descobertas, que constituem o progresso".*²⁰

No sentido de efectivar o conjunto de finalidades constantes do seu estatuto, a S.I.P. propunha-se realizar iniciativas variadas, como conferências, cursos livres, concursos, congressos científicos, criação de escolas e viagens de exploração científica. A concretização dos objectivos delineados pela Sociedade passou igualmente pela formação de bibliotecas, gabinetes de leitura e museus, bem como pelo diálogo com as diversas associações nacionais e estrangeiras. O recurso à imprensa outro dos meios propostos pela S.I.P. para promover o desenvolvimento do "estudo dos diferentes ramos das sciencias, e a concentrar os esforços isolados". Foi ainda seu propósito conceder prémios a livros de instrução em geral, em língua portuguesa, reveladores do esforço em benefício da educação nacional²¹.

Na verdade, procurando superar a insuficiência do ensino técnico, tido como o veículo para garantir melhores condições de existência ao operariado, grande parte das instituições filantrópicas ou de socorros mútuos da altura estabeleceram cursos profissionais. Exemplo fecundo de tal situação foi a *Escola Industrial* criada pela Associação Industrial Portuense (meados do séc. XIX), bem como o *Curso de Desenho Industrial* projectado pelo Centro Artístico Portuense (1880), e ainda o *Curso de Desenho Técnico* destinado à indústria promovido pela Sociedade Martins Sarmiento (Guimarães, 1882). No final de Oitocentos, a insuficiência do ensino técnico industrial sentida um pouco por todo o país, dificultava o desenvolvi-

²⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1.º ano, nº 7, 1 de Julho de 1881, p.217.

²¹ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 5-6 (art. 4.º).

mento industrial e, concomitantemente, funcionava como um entrave à introdução de maquinaria em sectores chave da indústria nacional²².

Para abranger e tratar metodicamente as várias áreas do saber, os estatutos da Sociedade de Instrução do Porto estabeleceram a possibilidade da criação de uma série de secções científicas²³. Essas secções, espécie de comissões criadas voluntariamente pelos sócios, de acordo com as respectivas sensibilidades intelectuais, eram dotadas de uma organização própria: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário e vogais. A S.I.P. teve cerca de cinco secções científicas, pelo menos desde a sua fundação até 1884, último ano da publicação da revista a ela afecta. Refira-se o facto de, muitas vezes, estas unidades científicas se subdividirem em temáticas parcelares, constituindo as chamadas subsecções:

		SUBSECÇÕES	
SECÇÕES	A) Ciências Cosmológicas	Geografia ²⁴	Físico-Matemática
	B) Ciências Fisiológicas ²⁵	Ciências Naturais	Ciências Médicas
	C) Ciências Noológicas	–	–
	D) Ciências Sociais	–	–
	E) Ciências Físico-Químicas ²⁶	–	–

FONTE: *Revista da Sociedade de Instrução do Porto* (1881-1884).

A Sociedade de Instrução do Porto, tendo por base o seu objectivo capital de difusão de métodos pedagógicos evoluídos e de saberes teóricos e práticos, desenvolveu uma estratégia de acção composta por várias actividades e por inúmeras iniciativas, tal como os seus estatutos propunham.

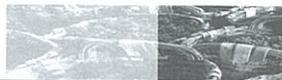
²² MATOS, Ana Maria Cardoso de – *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 215.

²³ *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeviriana, 1883, p. 5 (art. 5º).

²⁴ Criada em 1882, foi seu presidente D. Eduardo Blanco y Cruz.

²⁵ Reuniam-se em todos os dias 8 ou nos seguintes, de cada mês (n.º4, 1881, p. 143). Relativamente a esta secção sabe-se que a ela estavam agregados o Dr. Ferreira da Silva (Presidente), Augusto Luso (Vice-Presidente), George Sellers (1º Secretário) e Eduardo Sequeira (2º Secretário).

²⁶ Constituída como tal a 1 de Abril de 1884, data em que foi autorizada pelo Conselho Científico, após alguma discussão. Era constituída por: Bento Carqueja; José Crispiniano da Fonseca; João Pinto Correia de Meneses; José Maria Melo de Matos; Eduardo Sequeira e Álvaro C. Castro Neves.



Estabelecida a biblioteca e o gabinete de leitura, fundada a sua revista e o seu museu, promovendo um sem número de prelecções, conferências e debates, projectando escolas vocacionadas para diferentes universos de alunos, organizando várias exposições e mostras públicas, lutando e reivindicando junto de quem de direito pela melhoria das condições de existência e de instrução das populações limítrofes, entre outras variadíssimas coisas, a S.I.P. demonstrou uma força absolutamente empenhada na causa em que acreditava e da qual fazia bandeira. Da "instrução" nasceriam cidadãos, matéria-prima quase ausente e tão necessária para o renascimento económico e moral da nação subdesenvolvida na escala europeia. Tratava-se, em suma, de colocar a ciência e a técnica ao serviço do progresso nacional, rentabilizando os préstimos de um instituto particular em prol do bem material da comunidade.

Contributos para a difusão científica e tecnológica

Desde o século XVIII que se generalizava na Europa a publicação de periódicos divulgadores de conhecimentos científicos e técnicos. Embora em Portugal tenha havido um certo desfasamento temporal nesse campo, a verdade é que ao longo de Oitocentos foram publicadas muitas revistas, jornais, almanaques, boletins, anais, gazetas, catálogos ilustrados e folhetos específicos que contribuíram para colmatar essa lacuna. Elementos insubstituíveis na generalização da leitura de carácter técnico, as Sociedades, Associações e instituições afins, desempenharam um papel de suma importância ao publicarem periódicos divulgadores das novidades científicas e tecnológicas²⁷.

A Sociedade de Instrução do Porto desde logo sentiu necessidade de publicar, com regularidade, os conhecimentos surgidos no seu âmbito, facto que a levou a criar uma revista própria onde fossem exarados os estudos e as acções relevantes da instituição. Com efeito, aí poderia facilmente divulgar muitas informações úteis a um vasto número de pessoas, promovendo desse modo, a instrução da população em geral.

A ideia da criação de uma revista ligada à Sociedade ocorreu logo no início dos trabalhos, em sessão de 25 de Junho de 1880, por proposta do professor Von

²⁷ Nesse sentido apareceram, por exemplo, os chamados *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional* (1822-1854); o *Jornal da Associação Industrial Portuense* (1853-1864); o *Jornal da Sociedade Agrícola do Porto* (1856-1858); a *Gazeta das Fabricas* (1865-1866), publicada pela Associação Promotora da Indústria Fabril; e a *Revista de Obras Publicas e Minas* (1877), tutelada pela Associação de Engenheiros.

Hafe²⁸. No relatório anual, relativo ao ano social de 1880-1881, Aires Gouveia congratulava-se com a evolução daquele periódico, de que se "publicaram já seis números com 210 paginas"²⁹. A publicação, de carácter mensal, rondava as quarenta páginas. A recepção nacional e estrangeira da revista foi significativa, a avaliar pelo elevado número de assinaturas conseguido e pelas muitas permutas que se estabeleceram com diversas instituições.

O tipo de artigos publicado na Revista começou por ser muito variado, passando por estudos científicos e literários, absolutamente inéditos, de alguns sócios, discursos e conferências, recensões bibliográficas, mapas, plantas, desenhos³⁰, quadros, informações acerca de obras estrangeiras sobre temáticas portuguesas, correspondência trocada, relatórios, pareceres, propostas e extractos de actas.

Mormente o aumento da Revista, a qualidade dos artigos nela publicados, sobretudo no quarto ano, parece não ter sido do agrado geral dos sócios. Mas, a verdade, é que já se pressentia o desfecho da publicação daquele órgão informativo e difusor da S.I.P. Eram constantes as discussões nas reuniões do Conselho Científico sobre o futuro do periódico, tendo em consideração a falta de material para publicar. Com efeito, o décimo segundo número do 4.º ano da Revista, correspondente a Dezembro de 1884, parece ter sido a última publicação da Sociedade de Instrução do Porto, desconhecendo-se a existência de qualquer reatamento posterior ou, até mesmo, um novo periódico³¹.

Prelecções e conferências

Tradição cultural com alguma expressão em Portugal desde o século XVII, as conferências, enquanto meio de divulgação do saber, sobretudo do saber erudito,

²⁸ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, nº 1, 1 de Janeiro de 1881, p. 39.

²⁹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, nº 7, 1 de Julho de 1881, p. 216.

³⁰ Refira-se, a título de exemplo, o desenho apresentado do "isemeroscópico", máquina inventada por Augusto Luso destinada a indicar os movimentos de rotação e transladação da Terra, mostrando ao mesmo tempo como se formavam os dias e as noites, as estações do ano, etc.

³¹ Sabe-se que a S.I.P., para além da publicação da Revista, editou ainda o seguinte: *Estatutos da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Elzeveriana, 1883; *Relatorio do Conselho Administrativo e Parecer da Comissão de Exame de Contas relativo ao anno economico de 1883*. Porto: Typographia Commercial Portuense, 1884; e *Nona Exposição, 1884-1885. Marcenaria e Artes Correlativas. Relatorio e Programma*. Porto: 1884.



desceu dos círculos estritamente academistas para as associações e sociedades oitocentistas. Os conhecimentos que aí se difundiam não eram apenas de natureza meramente científica, mas sim técnicos. Esta mudança operava-se em virtude do público a que se destinavam, passando da elite letrada para o povo maioritariamente analfabeto. Desta forma, o saber laicizava-se e vulgarizava-se, a par do esforço oficial e particular de instrução popular, deixando de ser apanágio dos mais ricos, poderosos e, muitas vezes, ociosos. O século XIX carecia, antes de mais, de um saber activo, ao serviço do bem estar de cada um dos cidadãos em particular e do progresso da comunidade em geral. Desta forma, a ciência e a técnica tinham uma função essencialmente sócio-económica, ultrapassando o espartilho do saber quase sempre estéril, cultivado por um punhado de gente. Todo o século XIX, o século da explosão da ciência, ficou marcado pela institucionalização das conferências científicas e pedagógicas, promovidas com regularidade por diversas agremiações culturais ou profissionais existentes na época. As conferências, enquanto forma de propagação científica, pretendiam contribuir para o revigoramento do País.

A cidade do Porto comungou plenamente deste novo espírito de proselitismo científico que invadia o País. As sociedades União Médica, Economia Doméstica, Útil e Económica, Alexandre Herculano, Protectora dos Industriais, dos Agricultores, da Restauração, Nova Euterpe (mais tarde Ateneu Comercial), Agrícola e Financeira e a Filantrópica Académica são alguns exemplos de agremiações portuenses em laboração nos anos oitenta que realizaram inúmeras conferências.

Neste contexto, a Sociedade de Instrução do Porto marcou forte presença. Segundo Silvestre Ribeiro, aquela associação cultural era responsável pela realização de catorze conferências durante os dois anos da sua existência (1881-1882)³². Teófilo Braga foi o primeiro a abrir um ciclo de conferências que se prolongaria por quase uma década, ao serviço da larga comunidade a que se destinava. Os temas abordados variavam desde as ciências ditas humanas até às ciências naturais. Nas primeiras estava a literatura (portuguesa e alemã), a antropologia e a história, saberes que tiveram um importante desenvolvimento nesta altura; nas segundas marcava presença a química, a física, a medicina, a ornitologia e a hidrografia. A par destes temas mais científicos, surgem assuntos mais técnicos, abordados de forma mais prática, nomeadamente questões de natureza agrícola e colonial e, sobretudo, pedagógica. No fundo, todas elas pretendiam

³² RIBEIRO, José Silvestre – *História dos Estabelecimentos...* Lisboa: 1887, tomo XV, p. 186-194.

instruir sumariamente o público a que se dedicavam, alargando-lhes o horizonte e mitigando-lhes a ignorância intelectual e técnica de que supostamente padeciam. Outras conferências realizadas versaram sobre temas agrícolas, antropológicos e, finalmente, pedagógicos, entre outros mais especializados (ornitologia, botânica e entomologia).

O Porto associativo-cultural continuou, para lá da S.I.P., a cultivar o gosto por iniciativas deste género, tidas como um motor auxiliar na promoção científica e técnica da nação. Com efeito, refira-se o Ateneu Comercial (1884), o Grémio Oliveira Martins (1885) e o Instituto Portuense de Estudos e Conferências (1897), organismos que promoveram um número mais ou menos considerável de conferências na cidade invicta em finais de Oitocentos³³.

Exposições

A Exposição Industrial de Londres, ocorrida em 1851 no Crystal Palace, marca o início de uma nova fase na história do século XIX. Portugal desde logo aderiu a este movimento novo, quer enviando representantes e delegados a exposições internacionais, quer organizando iniciativas similares de alcance geográfico variado. O Porto, não sendo excepção a este fenómeno – que rapidamente se transformou numa autêntica "febre" nacional – foi palco de inúmeras exposições, sobretudo após a construção do um dos seus *ex-libris*, o Palácio de Cristal³⁴, edificado com o fim específico de albergar certames desta natureza.

A organização das exposições era subsidiária de um código mental, onde se caldeavam elementos filosóficos, pedagógicos e anti-decadentistas, como também factores científicos e, sobretudo, económicos. Eventos vistos como meio para promover e incentivar o desenvolvimento económico da nação, as exposições, permitiam aquilatar sobre o estado produtivo do país, e funcionavam como plataforma

³³ SILVA, Augusto Santos – *Palavras para um País*. Oeiras: Celta Editora, 1997, p. 153.

³⁴ Este edifício, cuja construção esteve a cargo da chamada Sociedade do Palácio de Cristal e se finalizou em 1864, foi projectado para acolher a Exposição Universal de 1865. Na altura, apregoando-se as vantagens do palácio, dizia-se que se tratava de "uma construção apropriada ao clima, calculada para oferecer, na estação calmosa, suave frescura, e nos rigores do inverno grata amenidade, porque já foi tudo de antemão habilmente combinado e disposto para se conseguirem estes importantes resultados. Tem espaçosos salões e salas de concerto, assim como um magnífico órgão no fundo da nave central; (...) lugares apropriados para galerias de pinturas e gabinetes de leitura." (*Catálogo oficial da exposição internacional do Porto em 1865*. Porto: 1865, p. VII). Esta obra-prima da arquitectura de ferro nacional foi demolida em 1951, perdendo-se um monumento industrial ímpar.



de divulgação dos produtos de cada fábrica/produzidor, e constituíam um instrumento de divulgação técnica e eram em si mesmas um espaço de aprendizagem. Por essa razão, as entidades organizadoras destes certames procuram enriquecê-los com a presença de operários e aprendizes para aprenderem *in loco*. Daí que as exposições, na óptica dos positivistas, funcionassem como uma espécie de "síntese activa"³⁵, altamente profícua. Por outro lado, tendo em consideração o volume populacional que movimentavam, as exposições promoviam a concorrência e facilitavam a publicidade da actividade industrial, factores de suma importância para a aceleração do sector manufactureiro nacional. Em suma, funcionaram como um barómetro técnico-industrial, assinalando o estado de maior ou menor desenvolvimento de determinados sectores industriais em diferentes momentos³⁶.

A Sociedade de Instrução do Porto, não foi indiferente a esta tendência cultural e económica da época, por isso organizou no Palácio de Cristal vários certames expositivos. Em 1881 realizou duas exposições, de "história natural" e de "modelos de gesso"; no ano seguinte, outros relacionados com o "centenário de Froebel", com as "indústrias caseiras" e com a "cerâmica nacional"; Em 1883 foi a vez da "ourivesaria e joalheria moderna"; e, finalmente, no ano de 1884 decorreu a de "marcenaria e artes correlativas". A par de interesses relacionados com as novas pedagogias da educação, a Sociedade de Instrução do Porto preocupou-se em promover demonstrações do património artístico, técnico e económico popular, privilegiando a produção dita "caseira". Tratava-se, sem dúvida, de divulgar recursos e vias alternativas para o progresso nacional. Com efeito, estas exposições tinham por objectivo sensibilizar os visitantes para a importância capital das actividades nacionais e para os problemas que mais reclamavam uma solução, nomeadamente as questões sócio-económicas relacionadas com o operariado, o atraso da instrução técnico-profissional, a falta de tacto económico do fabricante, bem como o desprezo pela arte tradicional, realidades que a revista da Sociedade denuncia constantemente.

Quase todas as exposições promovidas pela S.I.P., dotadas de um forte cunho industrial, visaram não só funcionar como uma mostra daquilo que se produzia nas grandes fábricas como, e sobretudo, chamar a atenção do público para a produção artesanal e tecnologicamente mais rudimentar que ainda subsistia nas aldeias, "per-

³⁵ MENDES, J. Amado – *Etapas e limites da industrialização*. In MATTOSO, José (dir.) – "História de Portugal". Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, vol. 5, p. 362.

³⁶ Parece, pois, ser indispensável para uma correcta apreciação do desenvolvimento económico (sobretudo industrial) da segunda metade do século XIX, o estudo do maior número possível de exposições realizadas em todo e qualquer âmbito geográfico.

dida pelos montes", saída das mãos do povo – "o nosso maior artista"³⁷ –, constituindo um património cultural popular que urgia reconhecer e proteger. Era, no fundo, a apologia do genuíno produto nacional, obtido em moldes estritamente tradicionais pela transmissão de conhecimentos técnicos ancestrais de geração em geração. Estas exposições funcionavam, assim, como um espaço privilegiado de encontro entre a indústria e a arte, já que em quase todas elas se expunham produtos industriais ao lado de artefactos. Por outro lado, estas exposições serviam para avaliar o estado da indústria exposta, funcionando como um estímulo ao desenvolvimento da mesma, por forma a contribuir para o progresso económico nacional. Partindo do princípio de que a organização da instrução pública era o único meio de Portugal ingressar no coro das nações ditas civilizadas, a Sociedade de Instrução do Porto promoveu várias exposições em que era "eliminada a parte espectacular" e que permitiam "estudar cada um dos ramos mais importantes da industria nacional" fornecendo "elementos seguros e indispensaveis para um estudo consciencioso sem o qual todas as reformas peccão pela base, se não pela intenção"³⁸.

Trabalhos mecânicos e das indústrias caseiras

Tendo sido resolvido em sessão de 19 de Janeiro de 1882 a realização de uma "exposição de instrumentos e productos das industrias familiares ou caseiras", por proposta de A. de la Roque e Isaac Newton, foi, para esse fim, nomeada uma comissão encarregada de elaborar o programa do certame, a qual ficou composta por William Tait, Jacob Eduard Von Hafe e Joaquim de Vasconcelos³⁹. Esta exposição visava ser uma mostra de produtos ditos caseiros, feitos por "curiosos", isto é, por pessoas não profissionais da arte, por forma a evidenciar certos elementos de trabalho industrial e artístico que se conservavam tradicionalmente no país, "no seio das familias", e que a despeito da ausência de todo o ensino profissional e industrial, eram reveladores do "bom terreno que temos para tal cultura"⁴⁰.

³⁷ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, ano 2.º, n.º 7, 1 de Julho de 1882, p. 349.

³⁸ Relatório e Programa da Exposição de Marcenaria e Artes Correlativas. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1884, 4.º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 59).

³⁹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2.º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1882, p. 84-85.

⁴⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 3, 1 de Março de 1882, p. 131.



Pretendia-se, pois, fazer da valorização da "indústria caseira" um caminho alternativo à "indústria fabril" para o crescimento económico de muitas zonas.

Segundo a Sociedade de Instrução do Porto, esta exposição destinava-se a reabilitar uma série de trabalhos e ocupações que, não recebendo qualquer protecção ou favor do Estado, constituíam uma espécie de treino operado ao longo de gerações onde se desenvolviam as aptidões mecânicas, as quais deveriam ser aproveitadas pela ainda incipiente indústria nacional. Deste modo, privilegiar estes exercícios aparentemente pouco importantes e aproveitá-los em moldes científicos era um passo gigante no sentido de ultrapassar a decadência económica da época. Tratava-se, pois, de fazer "reviver o genio nacional, popular"⁴¹.

Naquele sentido, foi estabelecido um programa amplo por forma a assegurar a participação de todos os "trabalhos mecânicos", (compostos substancialmente pela carpintaria, marcenaria, pintura, escultura, desenho, gravação, tecelagem, modelação e encadernação), ao lado das "indústrias caseiras", (sobretudo escultura, marcenaria e confecção). Era, assim, um programa que, dividindo os trabalhos em duas categorias – modernos e populares – fora concebido com o intuito de ser o mais abrangente possível.

A exposição, decorreu de 14 de Maio a 18 de Junho de 1882 e contou com a participação de inúmeros expositores, sobretudo de estabelecimentos de educação da região Norte e Centro. Muitas foram as crianças e os jovens que tomaram parte neste evento, tendo em consideração o elevado número de colégios que aderiram ao repto lançado pela S.I.P.

Participaram, também, na qualidade de expositoras, um vastíssimo número de senhoras (cerca de duzentas e setenta e sete) oriundas de várias localidades, nomeadamente de Braga, Coimbra, Estarreja, Fonte Arcada (Beira Alta), Gouveia, Guimarães, Lamego, Leça da Palmeira, Magalhã, Marco de Canaveses, Moimenta da Beira, Oliveira de Azeméis, Peniche, Póvoa do Varzim, S. João da Pesqueira (Riodades), Tabuaço, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia e, em larga maioria, da cidade do Porto. Embora em menor número, contou ainda com a participação de expositores individuais do sexo masculino. Num total de oitenta e seis, estes expositores provinham igualmente na sua maioria da cidade do Porto, contando com outros oriundos de Baião, Braga, Coimbra, Guimarães, Lamego, Marco de Canaveses, Matosinhos (Bouças), Régua, Santo Amaro (Vila Nova de Foz Côa), Tabuaço, Viana

⁴¹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 3, 1 de Março de 1882, p.133.

do Castelo, Vila da Feira, Vila Nova de Famalicão e Vila Nova de Gaia⁴². Daqui se depreende a influência geográfica do evento organizado pela Sociedade de Instrução do Porto, quase exclusivamente situada em toda a região norte e centro do país.

Cumprindo a sua função de espaço de aprendizagem baseado na observação, este certame contou ainda com a presença de várias rendeiras de Peniche, Viana do Castelo e Vila do Conde, as quais executaram complexas rendas de bilros, típicas daquelas regiões⁴³. A própria revista, em número publicado durante a exposição, deu nota pormenorizada do acontecimento divulgando informações e conhecimentos técnicos relativos àquelas artes tradicionais portuguesas⁴⁴.

A participação de crianças nesta exposição, com trabalhos de desenho, pintura e labores, era incentivada pela Sociedade como forma de alertar as tenras consciências infantis para a importância do conhecimento científico e do saber técnico, bem como um meio de garantir a fecundação da ideia do progresso do país pela dupla trabalho- instrução⁴⁵. Para tornar mais forte o desejo das crianças e dos jovens expositores de produzirem mais e melhor, foram conferidos inúmeros prémios aos seus trabalhos. Neste sentido, a exposição realizada tinha, pois, finalidades pedagógicas enquadradas na ideia positivista do progresso económico da nação a partir da dedicação consciente do cidadão ao trabalho. Era, assim, a apologia do universo axiológico da sociedade burguesa enformada em moldes positivistas, típicos da época.

Cerâmica

A Sociedade de Instrução do Porto realizou em finais de 1882 a chamada "Exposição de Cerâmica", por iniciativa do professor Augusto Luso⁴⁶. Tratava-se,

⁴² *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 8, 1 de Agosto de 1882, p.440-449.

⁴³ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882, p. 609.

⁴⁴ Trata-se de um texto datado de 1863 da autoria de Pedro Cervantes de Carvalho Figueira. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 6, 1 de Junho de 1882, p. 301-307)

⁴⁵ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 6, 1 de Junho de 1882, p. 343-344.

⁴⁶ Exposição proposta por Augusto Luso em sessão de 26 de Janeiro de 1882 (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1882, p. 88).



sem dúvida, de um tema pertinente, precisamente na sequência da "Exposição das Indústrias Caseiras", ocorrida nesse mesmo ano.

No intuito de facilitar e motivar a participação, a comissão executiva ⁴⁷ encarregada pelo Conselho Científico de organizar o certame, conquistou uma série de prerrogativas e de regalias para operários cerâmicos, oleiros e expositores. Com efeito, o Governo concedeu 300\$000 réis para prémios, passagem gratuita aos operários fabris e a redução de 50% no preço dos transportes. Era uma prática corrente e usual, pois, o Estado limitava-se, quase sempre, a prestar apenas apoio financeiro e logístico a este tipo de iniciativas particulares ⁴⁸; Por outro lado, a Câmara Municipal do Porto concedeu a isenção do imposto de consumo os objectos destinados à exposição; finalmente, a Direcção do Palácio de Cristal permitiu a entrada gratuita aos expositores, operários e membros da imprensa ⁴⁹.

Esta exposição, que decorreu no Palácio de Cristal desde 22 de Outubro a 26 de Novembro de 1882, contou com dezenas de participantes. A instalação dos produtos fez-se mediante uma planta previamente gizada pelo sócio Macedo de Araújo Júnior, por forma a obter uma distribuição organizada dos volumes no espaço de acolhimento. Assim sendo, a exposição dividia-se em duas partes, a saber "indústria actual" e "indústria antiga", a primeira composta por cinco secções (olaria popular antiga e moderna; cerâmica aperfeiçoada; cerâmica para aplicações de utilidade pública e ornamentação; materias primas/instrumentos portugueses e estrangeiros; e literatura da indústria nacional e estrangeira) e a segunda por duas (cerâmica peninsular antiga; e cerâmica estrangeira antiga), visando-se, desta forma, garantir método e organização aos produtos expostos ⁵⁰.

Daquela forma, esteve presente toda a gama de produtos cerâmicos existentes, desde "os objectos toscos de barro até aos perfeitos de fina porcelana" ⁵¹, sendo visível uma imensa variedade de materiais, feitios e cores. Este facto não foi cer-

⁴⁷ Composta por José Frutuoso Aires de Gouveia Osório (presidente), Joaquim de Vasconcelos (vice-presidente), António Luís Teixeira Machado (secretário), Eduardo Sequeira (vice-secretário) e Augusto Luso da Silva, Marciano de Azuaga, José de Macedo Araújo Júnior, Roberto Reid, Bento de Sousa Carqueja, Patrício Theodoro Álvares Ferreira, António de Almeida Costa e João Camilo de Castro Júnior (vogais).

⁴⁸ MATOS, Ana Maria Cardoso de – *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 190.

⁴⁹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1882, p. 679.

⁵⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 7, 1 de Julho de 1882, p. 345-346.

⁵¹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882, p. 536.

tamente alheio ao bom acolhimento que teve do público em geral. Na verdade, a recepção da cidade invicta a este evento foi surpreendente, tendo sido visitado por milhares de pessoas, excedendo, assim, as "esperanças mais ambiciosas"⁵². Destaque-se a publicidade que a exposição parece ter tido da parte da imprensa periódica nacional, facto que contribuiria decisivamente para uma eficaz divulgação do certame e do êxito por ele alcançado.

O catálogo da exposição⁵³ permite avaliar a qualidade deste evento de cerâmica, simpósio vasto e rico. Com efeito, estiveram visíveis ao público centenas de objectos dispostos em bancadas, vitrines e armários. Foi possível ainda admirar várias colecções particulares, nomeadamente a de José Maria Nepomuceno⁵⁴ – composta por noventa e dois painéis de azulejos⁵⁵ – e a do Museu do Carmo, constituída por valiosos quadros de azulejos cujas datas se situavam entre meados do século XIV e finais do século XVII, bem como por um conjunto de peças avulsas originárias de diferentes igrejas nacionais.

Os exemplares de faiança, de peças decorativas e de materiais de construção civil tinham as mais diversas proveniências geográficas, garantindo-se a representatividade total da cerâmica portuguesa. Refira-se, a título de exemplo, algumas das cidades/vilas representadas: Aveiro, Coimbra, Estremoz, Guimarães, Lisboa, Loulé, Mirandela, Porto, S. Miguel (Açores), Vila Nova de Gaia e Vila Viçosa.

Os expositores de faiança eram, na sua maioria particulares e sócios da S.I.P. e/ou com eles relacionados: Marciano de Azuaga, Clemente Menéres, António Inácio Coimbra, Joaquim de Vasconcelos, António Moreira Cabral, Júlio Osório, Margarida Lagoá, Joaquim de Azuaga, Emília Teives, Eduardo Sequeira, José Augusto da Silva, Augusto Luso, José Frutuoso Aires de Gouveia Osório, J. C. Lemos, A. M. Cabral, Maria Emília Sousa de Faria, entre outros⁵⁶.

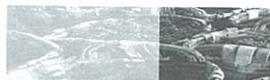
⁵² *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano n.º 12, 1 de Dezembro de 1882, p. 679. Foram registadas cerca de 27 mil entradas.

⁵³ O Catálogo da Exposição de Cerâmica, editado pela S.I.P. mas desconhecido enquanto tal, foi publicado ao longo de vários números da *Revista*, tendo sido possível a sua reconstituição.

⁵⁴ José Maria Nepomuceno (1830-1916), foi arquitecto e bibliófilo de renome nacional. Em 1874 foi nomeado arquitecto dos hospitais de Lisboa. Dirigiu a construção do Asilo Maria Pia, dos tribunais militares, dos asilos D. Luís e da Mendicidade, a restauração das igrejas de S. Vicente e de Odivelas e foi autor do projecto da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Colaborou em vários periódicos, nomeadamente na revista ilustrada *A Arte*.

⁵⁵ A descrição destas peças encontra-se publicada (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882, p. 563-569).

⁵⁶ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano n.º 12, 1 de Dezembro de 1882, p. 615-648.



Participaram também como expositores muitas indústrias cerâmicas, como foi o caso Fábrica da Vista Alegre (Aveiro) e a Fábrica de Sacavém e das fábricas representadas pelas firmas António de Almeida Costa & C.^a (Vila Nova de Gaia), Tomás Nunes da Cunha & Silva (Porto), Pinto Magalhães & C.^a (Lisboa), para além de outras. Fica, pois, patente não só a profunda envolvência dos membros da Sociedade nesta exposição e a adesão que motivou junto de outros particulares não sócios, como também a activa participação das empresas cerâmicas em geral, que viram nesta iniciativa uma oportunidade de publicitar os seus produtos e de demonstrar as suas capacidades tecnológicas.

Esta exposição funcionou como uma demonstração do estado da indústria cerâmica portuguesa onde foram realizadas "provas práticas" de olaria, com a participação de oleiros dos arredores do Porto e de Aveiro ⁵⁷.

A coroar este certame cerâmico esteve a atribuição de diversos prémios de várias categorias a muitos expositores, aliás, uma prática corrente e usual neste género de trabalhos, no intuito de completar o sentido desta exposição, foi publicado também na *Revista* um conjunto de textos alusivos, da autoria de Joaquim de Vasconcelos. Destacamos um artigo explicativo sobre a diversidade das marcas da cerâmica antiga portuguesa, acompanhado por um fac-similes relativo ⁵⁸, um texto com uma recolha da bibliografia existente sobre a cerâmica, bem como a divulgação crítica de parte de diversas memórias e notas existentes de autores antigos ⁵⁹.

Esta exposição de cerâmica fez germinar a ideia da organização de um congresso de olaria, com o fim de estudar o estado daquela indústria em Portugal, nomeadamente quanto ao sistema de ensino existente, quanto às matérias-primas, utensilagem e técnicas empregues, e quanto às relações económicas decorrentes. A ideia concretizou-se entre 19 de Novembro a 3 de Dezembro de 1882, e o congresso foi bastante profícuo. Nele se procurou preparar o caminho para o pro-

⁵⁷ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1882, p. 680-681.

⁵⁸ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1882, p. 648-654.

⁵⁹ Esses artigos críticos (publicados na *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882) referem-se às seguintes obras: PEREIRA, João Manso – *Memória sobre a porcelana do Brazil* (p. 540-549); NEVES, Acúrsio das – *As fábricas de louça portuguesa* (p. 549-555) e *As fábricas das provincias*; CRUZ, Frei Gaspar da – *Porcelana da China* (p. 556-557); PEREIRA, Francisco Gomes – *Notas sobre as fabricas de ceramica do Porto* (p. 559-563).

gresso da indústria cerâmica, partindo da "instrução artística" e da "protecção ao operario", tidos como os únicos meios de a aperfeiçoar.

Na verdade, o ensino técnico aparecia aos olhos dos intelectuais e dos industriais esclarecidos de finais de Oitocentos como uma "pré-condição" indispensável do desenvolvimento industrial. Esse progresso das indústrias nacionais, registado sobretudo a partir dos anos quarenta daquele século, evidenciou não só a falta de técnicos e de operários especializados, como também evidenciou o atraso do sistema de ensino existente. Daí a necessidade de se promover o estabelecimento de escolas profissionais onde fossem ministrados os princípios científicos aplicáveis à indústria e ao desenvolvimento desta actividade. Esse inexistente ensino agrícola e industrial era, pois, fortemente sentido e apontado como uma das principais razões do atraso económico português⁶⁰. No entanto, apesar de cedo ter sido diagnosticada esta lacuna, a verdade é que mesmo no final do século o ensino técnico-industrial no país primava pela insuficiência.

A S.I.P. e os industriais que participaram no congresso de olaria, unânimes quanto à importância atribuída ao ensino técnico como motor do desenvolvimento da indústria cerâmica nacional⁶¹, e partilhando a angústia da grande falta de técnicos competentes, envidaram esforços no sentido de criar uma estrutura de ensino que, de alguma forma, viesse remediar esse problema⁶². Com esse objectivo, em 3 de Dezembro de 1882 foi criado um curso de desenho e modelação com aplicação às indústrias cerâmicas na Fábrica Cerâmica das Devezas⁶³. Esta escola, então designada "Escola de Desenho da Fábrica de Cerâmica das Devezas", instalada numa dependência daquela unidade fabril por cortesia de um dos seus donos, António de Almeida Costa, e tendo por professor um outro dos seus proprietários,

⁶⁰ REIS, Jaime – *O Atraso Económico Português, 1850-1930*. Lisboa: 1993, p. 177.

⁶¹ Recorde-se as palavras que, a este propósito, foram referidas por Aires de Gouveia Osório na inauguração da exposição de cerâmica: "Esta Sociedade sente, que o nobre ministro das obras publicas, do commercio e da industria não podesse (...) vir inaugurar esta festa, e sente-o pelos desejos que tem de ver que o governo e os poderes publicos apreciem bem (...) a necessidade que ha de os dirigir creando boas escólas profissionaes, de desenho e de modelação, que são uma necessidade para a vida de tantas industrias locaes importantes, as quaes estão definhando por essa falta". (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Vol. II. Porto: 1882, n.º11, p. 537)

⁶² Esta estratégia de ensino era corrente entre as Sociedades e as Associações desta época, cujos objectivos primordiais eram precisamente a criação de aulas públicas profissionais, para além de aulas públicas primárias.

⁶³ Refira-se que, segundo o relatório industrial de 1881, em tempos houvera naquela já naquela fábrica "uma aula [nocturna] de desenho para os aprendizes, mas aboliu-se" (*Relatório apresentado ao Exc.ª Snr. Governador Civil do Districto do Porto... pela sub-comissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira, 1881, p. 291)



o escultor José Teixeira Lopes (pai), foi pomposamente inaugurada no dia 4 de Fevereiro de 1883⁶⁴.

A Sociedade de Instrução do Porto manteve-se fiel à promessa que fizera de acompanhar a escola recém-criada sob os seus auspícios. Logo em Junho de 1883, um numeroso grupo de sócios da S.I.P. visitou aquele estabelecimento para "saudar os fundadores da escola, applaudir o professor, louvar os discípulos e anunciar com louvor que o Club de Villa Nova de Gaya deliberára crear um premio de 15\$000 reis para a Sociedade de Instrução conferir ao alumno mais distincto da escola"⁶⁵.

A importância deste estabelecimento foi relativamente grande, bem como foi acentuada a influência que exerceu na indústria cerâmica local. Três anos volvidos sobre a sua inauguração, era visível a sua força instrutiva a nível profissional. Com efeito, um dos periódicos portuenses de maior tiragem na altura descrevia-a como um estabelecimento altamente protegido pelos industriais António de Almeida Costa & C.^a, achando-se ali matriculados cinquenta alunos, na sua maioria pertencentes à fabrica das Devezas e os restantes a diversas outras do Porto e de Vila Nova de Gaia⁶⁶.

Era firme a convicção desta Sociedade relativamente à apatia do Estado em desenvolver o ensino técnico e profissional público, bem como era segura a esperança que nutria na alteração desta situação de abandono⁶⁷. Na verdade, na década de oitenta criaram-se, em vários pontos do país, as chamadas "Escolas de Desenho Industrial", estabelecimentos de ensino técnico que se revelaram, na maioria dos casos, insuficientes em termos quantitativos e qualitativos, para resolver as carências do ensino industrial⁶⁸. Em Janeiro de 1884, o Governo dava um

⁶⁴ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 149.

⁶⁵ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1883, p. 566.

⁶⁶ Cf. GUIMARÃES, Gonçalves – *Memória Histórica dos Antigos Comerciantes e Industriais de Vila Nova de Gaia*. Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia, 1997, p. 111.

⁶⁷ A este propósito disse Aires Gouveia Osório, em discurso proferido a 3 de Agosto de 1883, o seguinte: [O Estado] – ha-de prestar um dia – porque não é possível que dure por muito tempo esta desanimadora indiferença, este criminoso egoismo, que, desconhecendo os mais caros interesses da patria, nos leva ao abysmo da ignorancia e da miseria, ou, o que é irremediavel, ao seu entorpecimento e degradação moral. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1883, p. 416).

⁶⁸ MATOS, Ana Maria Cardoso de – *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 215.

passo no sentido de resolver este problema ao decretar a criação de oito escolas de desenho industrial em Portugal continental. No entanto, não estava previsto o estabelecimento de nenhuma delas em Vila Nova de Gaia, importante centro fabril na altura. Tal facto, agitou a comunidade industrial daquele concelho que, recorrendo à Sociedade de Instrução, dela obteve prestimosa ajuda. Logo em 23 de Fevereiro de 1884 seguia, por intermédio do P.^e Francisco José Patrício, deputado portuense e sócio da S.I.P., uma representação dirigida ao Governo⁶⁹. Naquele documento, a Sociedade justificava a necessidade premente de dotar Vila Nova de Gaia de uma escola oficial de desenho técnico partindo da realidade eminentemente industrial da zona⁷⁰. Os desejos dos impetrantes foram atendidos, já que no decreto regulamentar das escolas industriais e de desenho industrial de 6 de Maio desse mesmo ano, consagrava-se no artigo 12.^o a criação do respectivo ensino em Vila Nova de Gaia, constituíndo, aliás, a primeira a abrir em toda a circunscrição do Norte, a 29 de Dezembro de 1894⁷¹.

Refira-se, ainda, que o êxito obtido por esta exposição de cerâmica, pelo menos a nível dos industriais do ramo, foi de tal ordem que, algum tempo depois, em Fevereiro de 1884, um grupo de sócios fabricantes solicitava a realização de um novo certame dedicado àquela arte⁷². Em reunião ocorrida em Março daquele ano, Almeida Costa, exaltando o serviço prestado pela Sociedade à olaria portuguesa, afirmava que não obstante ser provável que um novo certame fosse menos concorrido que o primeiro, seria contudo um estímulo para os oleiros portugueses e uma ocasião óptima para se verificar os progressos feitos por eles desde 1882. Lembrava, igualmente que se poderiam fazer simultaneamente exposições de outras indústrias que tivessem alguma relação com a cerâmica, tal como a do vidro, a fim de tornar mais concorrida a exposição⁷³. Apesar desta e de outras insistências, um novo certame de indústria cerâmica ficou adiado *sine dia*. No

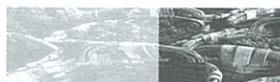
⁶⁹ Ao que parece, esta representação foi entregue em Lisboa pelo sócio dr. Licínio Pinto Leite. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4.^o ano, n.º 3, 1 de Março de 1884, p. 104).

⁷⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4.^o ano, n.º 3, 1 de Março de 1884, p. 101-102.

⁷¹ GUIMARÃES, Gonçalves – *Memória Histórica dos Antigos Comerciantes e Industriais de Vila Nova de Gaia*. Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia, 1997, p. 112.

⁷² *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4.^o ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 62.

⁷³ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4.^o ano, n.º 3, 1 de Março de 1884, p. 106.



entanto, estes pedidos são a prova da ressonância do pensamento da S.I.P. no espírito dos industriais da zona.

Ourivesaria e de Joalheria Moderna

A ideia de dedicar um certame ao tema da ourivesaria e da joalheria nacional foi exposta a 1 de Junho de 1882 em sessão do Conselho Científico⁷⁴. A justificar tal pretensão estavam razões históricas e económicas, já que a arte da ourivesaria nacional, dotada de profundas raízes alto-medievais, ocupou um lugar de destaque na época áurea dos descobrimentos⁷⁵.

O programa da exposição, do qual Albino Coutinho e Joaquim de Vasconcelos ficaram encarregados de elaborar o projecto e cujo esboço foi por estes sócios apresentado em reunião de 24 de Fevereiro de 1883⁷⁶, foi fixado definitivamente logo em 4 de Março. Dividindo-se em três partes – teórica, prática e histórica – o programa da exposição de ourivesaria nacional pretendia ser uma mostra completa daquela indústria/arte, perspectivando-a diacronicamente no contexto nacional e evidenciando os processos educativos mais modernos utilizados no estrangeiro. Desta forma, a Sociedade de Instrução do Porto visava funcionar como uma plataforma de transferência e de difusão de tecnologias inovadoras⁷⁷.

Com esta exposição pretendia-se chamar atenção da opinião pública em geral e dos profissionais do sector em particular para o estado de decadência da arte da ourivesaria. Se, por um lado, se pretendia expôr as relíquias da antiga arte portuguesa – como pia memória e homenagem póstuma –, recordando aos olhos dos visitantes a opulência da arte em tempos idos⁷⁸, por outro pretendia-se alertar e sacudir as consciências adormecidas para a necessidade imperiosa de proceder a

⁷⁴ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882, p. 609.

⁷⁵ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 10, 1 de Outubro de 1883, p. 485.

⁷⁶ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 150.

⁷⁷ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 10, 1 de Outubro de 1883, p.487-488.

⁷⁸ A título de exemplo, refira-se que nesta exposição esteve presente a valiosíssima custódia de Belém, por especial consentimento do monarca D. Luís, depois de diligências feitas nesse sentido pelo ministro do Reino [Tomás António Ribeiro Ferreira] e de Correia de Barros. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 10, 1 de Outubro de 1883, p. 574).

uma remodelação daquela indústria. A solução para revolucionar este apagamento passava, segundo a Sociedade, por elencar criteriosamente as causas que levaram à situação de decadência, facilmente ultrapassável com o recurso a métodos adequados de ensino e de trabalho. No fundo, tratava-se, mais uma vez, de colocar a modernidade tecnológica, via ensino profissional, ao serviço do progresso industrial, sob o foco inspirador das heranças artísticas nacionais de antanho, como "testemunhas da acção que se prepara" ⁷⁹.

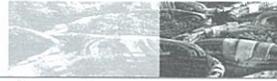
A visualização do trabalho ao vivo, a demonstração do *modus operandi* ligado à realidade industrial, parece ter sido, à semelhança de outros certames anteriores, privilegiada. Ao que tudo indica, operários de ourivesaria executaram certos processos especiais de fabrico diante do público, e artistas joalheiros exemplificaram trabalhos em ouro e cravação ⁸⁰. Trocava-se o "segredo profissional" pela "alma do progresso", até à pouco visto como a chave do enriquecimento do industrial. A partilha do conhecimento técnico era, pois, a via para o desenvolvimento industrial e, concomitantemente, para o progresso económico do país.

Este certame portuense, que decorreu de 16 de Setembro a 18 de Novembro de 1883, no Palácio de Cristal, contou com uma gama valiosíssima de peças de ourivesaria e de joalheria nacionais que facilmente conquistou a curiosidade popular, saldada em algumas dezenas de milhares de visitas. Os dias que imediatamente antecederam o encerramento da exposição foram pródigos em eventos memoráveis. Assinale-se a conferência proferida por Joaquim de Vasconcelos, a 17 de Novembro, em torno da história da custódia de Belém e do projecto para a sua reconstrução segundo a ideia original. O dia anterior fôra, no entanto, marcado por uma importante reunião dos ourives do Porto, realizada sob os auspícios da Sociedade, já que o teor daquela se compreendia nos objectivos desta. Aquele encontro de trabalho, destinado a promover o desenvolvimento da indústria nacional, ía no sentido do pensamento da S.I.P., consciente da necessidade de se proceder a reformas profundas naquele campo económico tendo por ponto de partida a implementação da instrução técnica dos operários ⁸¹. Na verdade, a comissão

⁷⁹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 10, 1 de Outubro de 1883, p. 486.

⁸⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 98.

⁸¹ A esse propósito, a S.I.P. afirmava que "a officina portugueza tem de renascer, não pelos privilégios das antigas corporações, mas sim á força de sciencia, de methodo, e de disciplina. Tudo isto falta hoje". (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 10, 1 de Outubro de 1883, p. 486)



promotora da exposição de ourivesaria, ultrapassando os interesses meramente ligados àquele sector, e debaixo da especial protecção da Sociedade de Instrução do Porto, pretendia criar na cidade invicta "um grupo de instituições tendentes a estabelecer a officina portugueza em solidos alicerces, protegendo e honrando o trabalho nacional como elle o merece". Esse grupo dividir-se-ia no seguinte:

- a) Uma escola central de desenho e modelação, aplicada à indústria;
- b) Um museu de modelos das artes industriais;
- c) Uma biblioteca de arte industrial ⁸².

Esta proposta, tendo motivado grande entusiasmo entre os presentes, ficou adiada para posterior estudo. Sabe-se, no entanto, que a 21 de Novembro se efectuou uma nova reunião de ourives do Porto, na qual foi nomeada uma comissão que deveria estudar minuciosamente sob o ponto de vista económico um projecto de organização de ensino industrial. No entanto, meio ano volvido sobre aquela reunião, a dita comissão não teria feito comunicação alguma à Sociedade ⁸³. Desconhece-se, pois, o desfecho da questão.

Mais uma vez, a Sociedade de Instrução do Porto, contribuindo para valorizar o peso da cultura tradicional portuguesa, sedimentava nas consciências públicas, e sobretudo nas ligadas à indústria, a urgência de expandir a técnica e de actualizar os conhecimentos profissionais. Para tal, não bastava adquirir maquinaria moderna; acima de tudo era necessário promover a instrução do operário, elemento vital do progresso da indústria portuguesa. O apelo da S.I.P. não parece ter sido em vão, já que os germéns da sua mensagem faziam eco em muitos dos espíritos industriais, como fica, mais uma vez, provado.

Marcenaria e artes correlativas

Esta exposição, realizada em finais de 1884 no Palácio de Cristal, partiu de uma ideia surgida sensivelmente dois anos antes, em Junho de 1882 ⁸⁴. Mais

⁸² *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 12, 1 de Dezembro de 1883, p. 579.

⁸³ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 5, 1 de Maio de 1884, p. 227.

⁸⁴ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1882, p. 609.

tarde, em Maio de 1883 era instalada a respectiva comissão executiva⁸⁵, a qual ficou composta não só por sócios da Sociedade como também por alguns industriais da praça portuense⁸⁶. O projecto do relatório desta exposição, elaborado pelo tenente de infantaria António Luís de Teixeira Machado, foi apresentado a 17 de Dezembro daquele ano⁸⁷, sendo aprovado na generalidade em reunião de 4 de Fevereiro de 1884⁸⁸.

Com esta nova mostra pretendia-se, mais uma vez, alertar a opinião pública em geral e os interessados em particular, para a necessidade de prestar mais atenção ao desenvolvimento da indústria nacional, às capacidades inatas do povo português para os "labores mecânicos" e, dessa forma, ultrapassar "a acção esterilizador d'um patriotismo improductivo que se contenta em cingir com o gesto d'um proscripto o manto da passada gloria". Segundo a Sociedade de Instrução, Portugal, dotado de "artistas", desperdiçava esse capital humano já que, não investindo na indústria, deixava-lhes a porta aberta para emigrar. A solução era, pois, de sinal único, consistindo em aplicar os esforços comuns na sedimentação industrial. Para isso, tornava-se indispensável a instrução profissional do operário, ou seja, arrancá-lo da ignorância em que se encontrava e rentabilizar as suas aptidões no incremento da economia nacional⁸⁹.

Esta exposição de marcenaria e temas com ela relacionados justificava-se, tal como as anteriores, pela necessidade de se divulgar os vários ramos da indústria nacional, – na qual estava incluída pela tradição e qualidade alcançada —, por forma a permitir uma análise rigorosa e isenta do seu estado⁹⁰. O programa do

⁸⁵ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1883, p. 536.

⁸⁶ Essa comissão era constituída pelos seguintes elementos: António Manuel Lopes Vieira de Castro (presidente), António Luís de Teixeira Machado (secretário e relator), Isaac Newton (vogal) e por outros vogais, ligados à actividade industrial, nomeadamente, António Teixeira dos Santos, Cipriano de Oliveira e Silva, Joaquim Teixeira da Silva, Miguel Correia de Abreu, Santos & Irmão, Tomás Soares de Magalhães, Venâncio do Nascimento, Viúva Florido & Filho e Zeferino José Pinto.

⁸⁷ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 11, 1 de Novembro de 1883, p. 536.

⁸⁸ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 55.

⁸⁹ Relatório e Programa da Exposição de Marcenaria e Artes Correlativas. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 56 e 58).

⁹⁰ Relatório e Programa da Exposição de Marcenaria e Artes Correlativas. (*Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 59-60).



certame, à semelhança dos programas adoptados nas outras exposições promovidas pela S.I.P., era bastante vasto, compondo-se de uma parte prática e de uma parte teórica. A primeira compreendia aspectos relacionados com a descrição de processos para melhorar as madeiras relativamente ao seu aspecto, duração e outras qualidades; estudos sobre a arborização; aplicações industriais dos resíduos das matérias-primas; termos técnicos; estatísticas e pautas aduaneiras; estudos sobre alargamentos de mercados; publicações periódicas, livros e organização do ensino técnico, projectos de recrutamento de aprendizes, estudos sobre a criação de vários tipos de associações e projectos de casas para operários. A parte prática compunha-se de três grandes grupos: indústria moderna, indústria antiga e desenhos, fotografias e outras reproduções de objectos presentes no programa⁹¹. Este amplo programa pretendia, assim, rever pormenorizadamente todas as questões ligadas à marcenaria, desde as puramente materiais, até às tecnológicas, sociais e educativas, por forma a permitir uma avaliação séria do estado desta indústria manufactureira.

A promoção da Museologia

Enquanto elementos propulsores do desenvolvimento técnico e económico dos países, os museus passaram a congregar, desde finais do século XVIII, um valor cultural, educativo e político cada vez maior. Inicialmente concebidos como depósitos de novidades, associados muitas vezes a academias científicas e a instituições promotoras da indústria, funcionavam como centros de difusão da ciência e técnica "ao vivo". O facto de não implicarem a necessidade de saber ler, fazia deles um meio óptimo para divulgação junto dos operários.

No final do século XIX, com o advento das ideias positivistas, o museu adquire uma função histórica, visando demonstrar a evolução tecnológica do objecto exposto, ao longo do tempo. Por outro lado, tratava-se de instituições que funcionavam não só como extensões pedagógico-culturais do ensino industrial e técnico, como também centros económicos e publicitários visto constituírem uma espécie de exposições permanentes de modelos e objectos⁹². Nesse sentido, o

⁹¹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1884, p. 60-61.

⁹² Jorge Custódio, *(Os Museus Industriais e a Arqueologia Industrial*. In "Museologia e Arqueologia Industrial. Estudos e Projectos". Lisboa: 1991, p. 9) citado por Ana Maria Cardoso de Matos (*Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento industrial...*, p. 204, nota 248).

etnógrafo português Rocha Peixoto terá definido os museus, em particular os regionais, como "repositórios permanentes da arte e da produção local, funcionando como lugares de criação, instrução e propaganda útil, assim suprimindo algumas das deficiências de um ensino técnico tido por caótico" ⁹³.

A Sociedade criou o chamado *Museu de Instrução Nacional* onde foram instaladas diferentes sectores, desde o natural (com colecções de história natural) o industrial (com colecções de cerâmica) e o educativo propriamente dito (com instrumentos relacionados, por exemplo, com os métodos froebelianos).

A formação do Museu de História Natural teve por ponto de partida a exposição realizada pela S.I.P. em 1881 sob essa designação. Com efeito, as colecções de minerais, de águas minerais e de bibliografia alusiva, contribuíram para formação daquele museu, enquadrado no "Mega-Museu" de Instrução Nacional, onde, aliás, se pretendia reunir "objectos e meios d'estudo sempre necessários para os que pensam em alargar os limites da educação" ⁹⁴. Para esse mesmo museu contribuíram imensos particulares, sócios e não sócios, com ofertas de variadíssimas colecções ⁹⁵.

No entanto, a falta de uma sede condigna e suficientemente espaçosa, lesava fortemente estes e outros intuitos da S.I.P., levando-a a pugnar, junto dos poderes públicos, pela construção de uma casa adaptada aos seus fins. Esta exiguidade de espaço condicionava, assim, a expansão da jovem Sociedade, obrigando-a a recorrer à ajuda desinteressada de alguns sócios e protectores. Com efeito, em meados de 1883, as colecções de minerais, de zoologia e de pedagogia tinham sido depositadas quer em casas particulares, quer no Palácio Real do Porto, por especial concessão do rei D. Luís ⁹⁶. Esta medida visava libertar espaço na sede da Sociedade ⁹⁷, por forma a privilegiar o *Museu de Cerâmica Nacional*, o qual se compunha já de numerosas colecções.

⁹³ António Augusto da Rocha Peixoto (*Os museus regionaes*. In "Revista de Portugal". Porto: 1890, vol. III, n.º 14, p. 191-194) citado por Augusto Santos Silva (*Palavras para um País*. Oeiras: Celta Editora, 1997, p. 160, nota 12).

⁹⁴ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, n.º 7, 1 de Julho de 1881, p. 216. Um listagem de parte desses mesmos objectos foi publicada na revista (2º ano, 1882, n.º 1, 1 de Janeiro de 1882, p. 2-9)

⁹⁵ Entre outros, destacam-se os nomes de Alfredo Allen, Alfredo Douguet Lopes, Augusto Luso, Eduardo Moser, Eduardo Sequeira, Gustavo Cudell, Isaac Newton, Júlio Henriques, Manuel José Felgueiras e Wilson Rawes.

⁹⁶ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 146.

⁹⁷ Na altura, e sensivelmente até finais de 1883, a sede da S.I.P. ocupava umas dependências do Palácio de Cristal.



Refira-se, ainda, que sob os auspícios da Sociedade foi projectado pela comissão promotora da exposição de ourivesaria um "museu de modelos das artes industriais"⁹⁸ o qual, no entanto, parece nunca ter sido concretizado⁹⁹. Sabe-se que ao longo da década de oitenta, o professor Joaquim de Vasconcelos, figura eminente da S.I.P. que muito pugnou pela concretização dos planos museológicos daquela instituição, organizou com o *Museu Industrial e Comercial do Porto*, instalado em 1886 num edifício anexo ao Palácio de Cristal. No entanto, desconhece-se até que ponto este museu esteve ou não integrado na Sociedade de Instrução.

Biblioteca e Gabinete de Leitura

À semelhança do que ocorria em grande parte das associações coevas, também a Sociedade de Instrução do Porto possuía uma biblioteca e um gabinete de leitura. Tratava-se de dois pequenos centros de leitura semi-privados, disponíveis aos sócios, e que funcionavam como meios de divulgação e de apoio científico e técnico. Para além das permutas com instituições mais ou menos congéneres¹⁰⁰, a maioritária proveniência dos respectivos fundos, de natureza quer bibliográfica, quer hemerográfica, era de particulares (sócios e não sócios) e de instituições protectoras¹⁰¹.

Teoricamente, a biblioteca e o gabinete de leitura eram realidades distintas pois, enquanto que a primeira reunia apenas "volumes" (monografias, revistas e boletins), na segunda encontravam-se apenas os jornais. Não havia, pois, uma distinção baseada em monografias e publicações periódicas. Este último, inaugurado a 6 de Janeiro de 1881 com 23 jornais e revistas, contava em Fevereiro com cerca de 58 e em Junho com 114. Quanto ao fundo da biblioteca, contava em Fevereiro de 1881 com 400 obras e em Junho desse ano referia-se a existência de "muitas centenas de volumes, alguns valiosos e raros"¹⁰².

⁹⁸ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1883, 3º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 579.

⁹⁹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Central, 1884, 4º ano, n.º 5, 1 de Maio de 1884, p. 227.

¹⁰⁰ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, n.º 2, 1 de Fevereiro de 1881, p. 79.

¹⁰¹ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1882, 2º ano, n.º 3, 1 de Março de 1883, p. 90.

¹⁰² *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1º ano, n.º 7, 1 de Julho de 1881, p. 215-216.

A reconstituição total do espólio da biblioteca e do gabinete de leitura da Sociedade de Instrução do Porto afigurou-se difícil, já que não existe qualquer catálogo que faça essa descrição, apesar de tal ideia ter sido proposta em 1881 pelo então redactor e secretário geral Joaquim de Vasconcelos¹⁰³.

Para concluir

A Sociedade de Instrução do Porto, fundada em 1880, reflecte o berço cultural em que emergiu. Na verdade, o Porto Oitocentista finissecular manifestava a sua pujança intelectual ao lutar de forma empenhada, e relativamente bem sucedida, na recondução do País na modernidade e no caminho do progresso.

Consciente da crise económica nacional e convicta da eficácia de uma terapêutica pedagógico-técnica, a S.I.P. lançou mãos ao trabalho e projectou no futuro marcas perenes da sua actividade. Fazendo despertar a consciência dos agentes industriais da região (empresários e operários) para os problemas da insuficiência educativa do sector e contribuindo na prática para a solução dessas questões, a Sociedade impôs-se como um marco de referência obrigatória para se entender o esforço de modernização do processo industrial sentido nos finais do século XIX e inícios do século XX. Por outro lado, e em termos ideológicos, a S.I.P. revela a força da metodologia positivista ao serviço de uma nova era do pensamento pedagógico e económico contemporâneo.

Em termos sociais, a Sociedade de Instrução do Porto era dominada por uma burguesia intelectual e de negócios, em muitos casos ligada ao poder local e regional. Marcada pelas fortes personalidades de alguns dos seus sócios, revelou, ao longo do período estudado, inflexões pontuais de interesses por determinados assuntos, dentro do âmbito dos objectivos estatuídos. Joaquim de Vasconcelos parece ter sido aquele cuja influência mais se fez sentir nos destinos da S.I.P., pelo menos até finais de 1883.

Apesar do aparecimento da Sociedade, elogiada nas *Farpas* de Ramalho Ortigão, não suscitaram dúvidas, desconhecem-se em rigor os contornos da sua extinção. Contudo, tais incertezas desaparecerão, após mais cuidada e minuciosa análise das informações de alguns dos periódicos da época. Só assim, se poderá compreender em toda a sua extensão o valor real da Sociedade de Instrução do Porto e medir o seu alcance prático na época.

¹⁰³ *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1881, 1.ª ano, n.º 3, 1 de Março de 1881, p. 111.